

Resenha

**Mídia e cultura popular:
história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**
(MELO, José Marques de., São Paulo: Paulus, 2008. 235 p. (Coleção Comunicação).)

Júnia MARTINS¹

Alagoano nascido em Palmeira dos Índios, José Marques de Melo é, dos pesquisadores das Ciências da Comunicação no Brasil, um dos mais conhecidos no mundo. Responsável pelo primeiro livro brasileiro de teoria e pesquisa em Comunicação (1970), é também professor fundador da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), pela qual foi doutorado em 1973, tornando-se o primeiro doutor em Jornalismo por universidade brasileira. Atualmente, é docente do PPGC/ Umesp-SP e titular da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Sua carreira acadêmica, contudo, foi iniciada em 1966 (no Inciform/ Unicap-PE), como assistente do professor olindense Luiz Beltrão, o criador da folkcomunicação.

Mídia e Cultura Popular traz, logo em sua epígrafe, um resumo do itinerário dos conceitos básicos diretamente vinculados à obra. Naquela página, tem-se a definição de folclore, por Luís da Câmara Cascudo; de folkcomunicação, por Luiz Beltrão; e de folkmídia, por Roberto Benjamin. O livro, prefaciado pelo próprio autor, é dividido em dez capítulos, e reúne, de forma sistematizada, o conjunto de textos sobre folkcomunicação escritos por Marques de Melo num período de 40 anos – daí sua densidade e importância, em especial para os pesquisadores da cultura popular associada à comunicação de massa.

Em 1967, Beltrão definiu folkcomunicação como o processo de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios ligados ao folclore. Mais tarde, pesquisadores da folkcomunicação definiram o caminho inverso – apropriações de elementos do folclore ou da cultura popular por meio dos veículos de comunicação de massa – a este processo deu-se o nome de folkmídia. Tais definições são salientadas por Marques de Melo, antes de entrar no corpo do texto propriamente dito.

¹ Mestranda em Comunicação e Culturas Midiáticas (UFPB). Pesquisadora associada à Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação.

O primeiro capítulo lança uma questão como título: *Na contramão da história?*. A proposta é contextualizar como a folkcomunicação se reatualiza, na sociedade vigente, enquanto fronteira entre o folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e a comunicação de massa (difusão industrial de símbolos, por meio de aparatos mecânicos ou eletrônicos, direcionados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). Para isso, parte-se da fundação do conceito de folkcomunicação por Beltrão, influência de Lazarsfeld e Câmara Cascudo, resistência encontrada entre folcloristas conservadores e comunicólogos; até chegar à atualização e legitimação dos postulados da folkcomunicação por pesquisadores contemporâneos – com recorte particular no aprofundamento das pesquisas em folkmídia.

O segundo capítulo (*De volta ao futuro?*) e o terceiro (*Ampliando as fronteiras*) abordam respectivamente: 1. vínculos entre a pesquisa de Beltrão e a de McLuhan; e 2. a riqueza do legado beltraniano. Marques de Melo explora confluências e desvios do “folclore do homem industrial” (p.39) de McLuhan e aborda o processo de transmutação da identidade cultural brasileira a partir de vestígios da mestiçagem. Ao ampliar as fronteiras, o autor ressalta as pesquisas voltadas às apropriações folkmidiáticas – citando fontes e matrizes conceituais – e também a importância do ativista midiático para as classes subalternas, com olhar à obra do professor Dr. Osvaldo Trigueiro.

Já no capítulo subsequente, o quarto, intitulado *Testando metodologias*, verifica-se a descrição e o dimensionamento das perspectivas e estratégias metodológicas relacionadas à folkcomunicação. Grifa-se aqui o roteiro de inventário proposto para a pesquisa das festas populares brasileiras, o qual inclui os elementos *memória, formato, conteúdo e mediações* (p.82), numa combinação entre o método da observação e o comparativo.

Seguindo a leitura, ao chegar no capítulo cinco (*Gêneros, formatos e tipos*), encontra-se, em poucas páginas, conteúdo preciso e valioso para a pesquisa dos mais diversos elementos folk; neste espaço, tem-se uma tipologia da folkcomunicação. A classificação é dividida em gêneros, formatos e tipos. A saber: gêneros de Folkcomunicação Oral (formatos: canto, música, prosa, verso, colóquio, rumor, tagarelice, zombaria, passatempo, reza); Visual (formatos: escrito, impresso, mural e pictográfico); Icônica (formatos: devocional, diversional, decorativo, nutritivo, bélico,

funerário, utilitário); e Cinética (formatos: agremiação, celebração, distração, manifestação, folguedo, festejo, dança, rito de passagem). Nos tipos integrantes a cada formato, encontra-se outra grande diversidade de elementos identificados, passíveis para investigação na disciplina (p. 91 à 95). Ressalta-se que tal taxionomia proposta por Melo é atualizada a partir de esboço criado por meio de diálogos mantidos por ele com Luiz Beltrão no ano de 1979.

O capítulo seis, tal qual o cinco, é breve e de caráter classificatório. Com título *Evidências ciberespaciais*, tenta-se conhecer o tamanho do espaço ocupado por fenômenos peculiares da folkcomunicação, utilizando para isto, buscas pelo sítio do Google. Os dados coletados estão dispostos em tabelas divididas por gêneros e subdivididas por principais tipos, com números respectivos de referências encontradas. Posteriormente, é construída uma outra tabela, incluindo os formatos mais encontrados na Internet, mostrados por ordem de relevância. Como nota conclusiva, percebeu-se que “o universo empírico é quase mil vezes superior ao do campo teórico” (p.98).

Dando continuidade à identificação, descrição e classificação de elementos, o capítulo sete, *Dicionário contextual*, relaciona os tipos folkcomunicacionais mais difundidos pela internet. São eles: abaixo-assinado, amuleto, apelido, baião, bendito, boneco de barro, brinquedo, canto de trabalho, cantoria, choro, comício, embolada, ex-voto, fofoca, forró, *funk* carioca, lenda, literatura de cordel, presépio, *rap* paulista, santinhos de propaganda, tatuagem, trova, vaquejada e xilogravura. Cada item deste é minudenciado por definição e contextualização, utilizando referências normalmente vinculadas a Câmara Cascudo, Luiz Beltrão e Aurélio Buarque de Holanda.

O capítulo oito estabelece, por sua vez, episódios que edificaram a história da folkcomunicação, numa tentativa de apreensão do “espírito do tempo”, como nomina Edgar Morin. A *Cronologia Factual* tem início, portanto, no ano de 1967, quando Beltrão “apresenta os marcos epistemológicos da folkcomunicação contidos em sua tese de doutorado” (p. 129). Tendo a marcação das décadas como fronteiras, o conteúdo temporal segue até o ano de 2007, quando a disciplina criada por Beltrão completa 40 anos.

Os dois últimos capítulos do livro, *Trajectoria do fundador* e *Precursor emblemático*, trazem, respectivamente, a biografia resumida de Luiz Beltrão e a de Theo Brandão, médico e folclorista alagoano. Este, segundo José Marques de Melo, teve a

capacidade de “pensar holisticamente o folclore na sociedade contemporânea” (p. 223). O autor acredita que trabalhos publicados por Theo Brandão, embora não tivessem cunhado um conceito particular, já anunciavam caminhos da folkcomunicação.

Certamente a taxionomia proposta por Marques de Melo é passível de reavaliação – diante, especialmente, do cenário multimidiático atual, o qual permite que a xilogravura, por exemplo, esteja disposta em diversas plataformas que não apenas o cordel. Isto, contudo, não enfraquece a importância de *Mídia e cultura popular*, que tem caráter efetivamente didático. Através da sua leitura, é possível perceber quais os principais momentos, pesquisadores, conceitos, teorias e simbolismos relacionados à Folkcomunicação. Trata-se de conteúdo fundamental para os que pretendem dar os primeiros passos no campo de estudo, ainda que intencionando explorações meramente empíricas. Uma obra que permite esclarecer não somente como a disciplina surgiu, mas por quais caminhos tem enveredado sua construção – constantemente atualizada, ampliada e cada vez mais sedimentada na sociedade contemporânea.